

INFLAÇÃO

IPCA desacelera e juro deve cair

Alimentos e combustíveis tiram pressão do índice oficial, que fica em 0,23% em maio, abaixo do esperado pelo mercado

» ROSANA HESSEL

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) desacelerou e registrou alta de 0,23% em maio, bem abaixo do avanço de 0,61% registrado em abril. A queda do índice, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ficou abaixo do 0,37% esperado pelo mercado, em grande parte, devido à queda nos preços dos combustíveis e à forte desaceleração da inflação dos alimentos. No acumulado em 12 meses até maio, o IPCA acumula alta de 3,94%.

Não à toa, analistas voltaram a suas planilhas para revisar as projeções para a inflação deste ano, reduzindo as estimativas para o indicador de carestia oficial. A MB Associados, por exemplo, reduziu a projeção deste ano de 5,5% para 5,2%. O Banco Original revisou a estimativa de 5,7% para 5,2%. A LCA Consultores também mudou as perspectivas do indicador — de 5,7% para 5,4% — e manteve um viés de baixa.

A meta oficial de inflação deste ano é de 3,25%, com teto de 4,75%. Segundo os analistas ouvidos pelo **Correio**, a tendência é de nova desaceleração em junho, com uma variação do IPCA mais perto de zero.

Conforme os dados do IBGE, sete dos nove grupos pesquisados tiveram alta de preços. Já os de transportes e de artigos de residência apresentaram quedas de 0,57% e 0,23%, respectivamente, o suficiente para aliviar o índice geral. Nos transportes, destacaram-se as quedas de 17,73% das passagens aéreas e de 1,82% nos preços de combustíveis.

No mês passado, a Petrobras anunciou mudanças na política de preços, acabando com a polémica da paridade internacional (PPI), e reduziu o valor dos combustíveis. A gasolina, sozinha, contribuiu para uma queda de 0,10 ponto percentual no IPCA do mês passado, de acordo com os dados da pesquisa. A desaceleração do indicador também foi influenciada pelo resultado do grupo alimentação e bebidas — o que mais pesa no índice —, que passou de uma variação de 0,71%, em agosto, para 0,16%, em maio. Os preços de alimentos in natura recuaram de uma alta de 0,66%, em abril, para zero, em maio. Contudo, os custos da alimentação fora do domicílio ainda continuam pressionados, passando de 0,73% para 0,58%, na mesma base de comparação.

De acordo com analistas, os alimentos vêm sentindo o impacto da redução dos preços das commodities no mercado internacional. A desvalorização do dólar também ajudou nesse processo. Eles ainda destacaram a queda do índice de difusão da alta de preços de 66%, em abril, para 56% dos itens pesquisados, em maio.



Se alimentos fora do domicílio ainda seguem pressionados, por efeito renda e residual pós-pandemia, os alimentos no domicílio devem ser a grande surpresa positiva do ano*

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados

“Se alimentos fora do domicílio ainda seguem pressionados, por efeito renda e residual pós-pandemia, os alimentos no domicílio devem ser a grande surpresa positiva do ano”, destacou Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Segundo ele, o aumento previsto para os combustíveis em junho, por conta da mudança da alíquota do ICMS, não deve ter um impacto relevante no IPCA de junho. “A história positiva desse ano vem dos alimentos que têm impacto maior do que esse dos combustíveis”, afirmou Vale. Ele prevê 0,2% de alta no IPCA de junho.

“O cenário de deflação no atacado ao redor do mundo e a apreciação do real têm contribuído para uma leitura mais otimista da inflação no ano e levado o mercado a antecipar um possível corte de juros. Por outro lado, o comportamento dos serviços e dos núcleos de inflação continua a demandar cautela; no fundo, o que se vê é uma melhora de itens mais voláteis até agora”, destacaram os economistas do Banco Original Marco Caruso e Igor Cadilhac, em comentário para clientes.

O núcleo da inflação ainda está pressionado e rodando acima de 6,72% no acumulado em 12 meses, bem acima do teto da meta de inflação deste ano, de 4,75%. Contudo, esse patamar é menor do que os 9,12% registrados no fim de 2022 e o primeiro abaixo de 7% desde outubro de 2021, destacou Alberto Ramos, economista do Goldman Sachs. “A inflação entre os preços livremente determinados está em 5,70% no comparativo anual, primeira impressão abaixo de 6% desde maio de 2021 e abaixo dos 9,39% no fim de 2022 e do pico cíclico de 12,07% em meados de julho de 2022”, destacou Ramos. “Esperamos que a taxa de inflação anual caia para cerca de 3% em junho, um reflexo dos altos efeitos de base. Em nossa avaliação, a melhoria das perspectivas de inflação, o fortalecimento do real e a estabilização das expectativas devem sustentar um pivô da política monetária em dois a três meses.”

Surpresa boa

O IPCA, que mede a inflação oficial, desacelera em maio para 0,23% e surpreende mercado, que passa a fazer novas revisões para o indicador do ano, “com viés de baixa”

Evolução do IPCA

Varição mensal (Em %)

Mês	Varição
Mai22	0,47
Jun22	0,67
Jul22	-0,68
Ago22	-0,36
Set22	-0,29
Out22	0,59
Nov22	0,41
Dez22	0,62
Jan23	0,53
Fev23	0,84
Mar23	0,71
Abr23	0,23
Jun23	0,07*

*previsão da LCA Consultores, com viés de baixa

Números

56%

Índice de difusão do IPCA em maio, abaixo dos 66% registrados em abril

6,72%

Alta de núcleos de inflação, no acumulado em 12 meses até maio, acima do teto da meta de 4,75%

0,36%

Alta do INPC em maio, acima da variação do IPCA, de 0,23%. O indicador mede a inflação para as famílias mais pobres

Evolução do IPCA

Varição acumulada (Em %)

Mês	Acumulado em 12 meses
Mai22	11,73
Jun22	11,89
Jul22	10,07
Ago22	8,73
Set22	7,17
Out22	6,47
Nov22	5,90
Dez22	5,79
Jan23	5,77
Fev23	5,60
Mar23	4,65
Abr23	4,18
Mai23	3,94
Dez23	5,30*

*nova previsão da MB Associados, com viés de baixa

Desempenho do IPCA em maio

Sete dos nove grupos pesquisados pelo IBGE apresentaram alta de preços (Em %)

Grupo	Varição mensal	Impacto no IPC
Alimentação e bebidas	0,16	0,04
Habituação	0,67	0,10
Artigos de residência	-0,23	-0,01
Vestuário	0,47	0,02
Transportes	-0,57	-0,12
Saúde e cuidados pessoais	0,93	0,12
Despesas pessoais	0,64	0,07
Educação	0,05	0,00
Comunicação	0,21	0,01

Principais impactos no IPCA de maio (Em %)

Item	Impacto
Óleo diesel	-0,01
Óleo de soja	-0,02
Mamão	-0,02
Gasolina	-0,10
Passagem aérea	-0,11

Maioras altas (Em %)

Item	Variações		
	Em maio	No ano	Em 12 meses
Tomate	6,65	6,10	4,53
Chocolate em barra e bombom	3,15	2,81	11,04
Leite Longa Vida	2,37	12,17	10,55
Ovo de galinha	1,83	16,12	20,68
Jogos de azar	12,18	12,18	12,18
Perfume	3,56	4,01	15,93
Ônibus urbano	2,83	6,30	6,54
Taxa de água e esgoto	2,67	5,45	11,10

Fontes: IBGE, LCA Consultores e MB Associados

Queda da Selic pode vir em agosto

O resultado do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de maio, abaixo das expectativas do mercado, deverá ajudar a consolidar os motivos para o Banco Central iniciar uma queda na taxa básica de juros (Selic), que está em 13,75% ao ano desde agosto de 2022. Muitos analistas, porém, esperam que isso ocorra somente no segundo semestre, porque o Comitê de Política Monetária (Copom), que se reúne novamente nos dias 20 e 21 deste mês, ainda vai esperar o encontro do Conselho Monetário Nacional (CMN), do próximo dia 29, para confirmar ou não mudanças na meta de inflação, como tem sinalizado o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“Neste momento, os dados reforçam as expectativas de que o corte dos juros comece na

reunião do Copom de agosto”, destacou Fábio Romão, economista sênior da LCA. Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, manteve a estimativa para o início do ciclo de queda da Selic em setembro.

A equipe econômica tem sinalizado que pretende alterar o sistema de metas, criado em 1999, adotando uma espécie de meta móvel, não vinculada ao calendário anual.

Marco Caruso, do Banco Original, reforçou que um aumento da meta de inflação agora só ajudaria a piorar as projeções de inflação, o que obrigaria o Copom a manter a Selic no atual patamar, na melhor das hipóteses. Ele prevê queda da Selic apenas na penúltima reunião do Copom, entre 31 de outubro e 1º de novembro.

“O cenário de deflação no atacado ao redor do mundo, somado à apreciação do real por aqui, tem contribuído para uma leitura mais otimista sobre a inflação do ano e isso tem levado o mercado a antecipar um possível corte de juros. Por outro lado, o comportamento dos serviços e dos núcleos continua a demandar cautela, especialmente em um contexto de pleno emprego. No fundo, o que se vê é uma melhora de itens mais voláteis até agora”, destacou Caruso, em relatório do banco.

O consultor André Perfeito, ex-economista-chefe da Necton Investimentos, não acredita que haverá mudança da meta. Para ele, apesar de já poder reduzir os juros diante do cenário inflacionário menos pressionado, o Copom ainda não deverá cortar

a Selic na próxima reunião. “A questão na mesa é que não se pode dar ‘um cavalo de pau’ na comunicação, logo, o que espero é ver sinalizações claras, na próxima ata, de que há espaço para algum afrouxamento monetário no segundo semestre, e isso já vai ajudar muito o humor empresarial e a retomada da economia”, afirmou.

Para ele, o governo precisa ter a sabedoria de “dar os parabéns” ao Banco Central pela queda da inflação, mesmo que não tenha sido só a política monetária a jogar os preços para patamares mais civilizados. “A hora é de refazer pontes, especialmente porque as notícias são boas e um clima melhor entre as instituições pode ajudar no processo de acomodação das taxas de juros”, destacou. (RH)

PROGRAMAS SOCIAIS

Farmácia Popular volta com mais remédios de graça

» NATÁLIA PERONICO*

Atendendo a 55 milhões de pessoas, o Farmácia Popular retorna com 40 remédios gratuitos. Permitindo, agora, que todos os amparados pelo programa Bolsa Família tenham acesso aos medicamentos gratuitos, o programa dará atenção, também, aos indígenas aldeados e à saúde da mulher. Nessa fase, 811 municípios foram incluídos, totalizando 5.207. Os de maior vulnerabilidade que aderiram ao Mais Médicos serão priorizados para os convênios.

O relançamento do programa ocorreu ontem, em Recife, em evento que contou com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ministra da Saúde, Nísia Lima.

Para os beneficiários do programa Bolsa Família, a novidade é que além dos medicamentos já disponíveis para asma, hipertensão e diabetes, remédios para demais tratamentos que anteriormente contavam apenas com descontos poderão ser retirados, sem demais burocracias. Serão 40 fármacos, no total.

Para a saúde indígena, um representante da comunidade poderá ser escolhido para retirar medicamentos, evitando, assim, grandes deslocamentos. Não será exigido um CPF para as retiradas. A iniciativa terá início em território Yanomami e, segundo o governo, ampliada gradualmente. Outra novidade é que todas as mulheres poderão ter acesso a medicamentos

contraceptivos e para tratamento da osteoporose.

Durante o evento, a ministra Nísia Lima não descartou a possibilidade de extensão do programa para medicamentos para a saúde do homem, como tratamentos da próstata.

O presidente Lula aproveitou o evento para atribuir parte do enfraquecimento do Farmácia Popular à gestão de Jair Bolsonaro (PL), e disse que a volta do programa, com mais força, servirá para atender aos mais necessitados. Lula observou, ainda, que os aposentados não devem gastar toda a aposentadoria comprando remédios, mas se preocupar, também, em comer. Para ele, o Estado deve garantir os medicamentos e afirmou que, em seu governo, saúde

não é gasto, mas investimento.

Criado em 2004, como um pilar do Sistema Único de Saúde (SUS), o Farmácia Popular contava, inicialmente, apenas com descontos. Em 2006, o programa foi expandido, com parcerias público-privadas com farmácias — o “Aqui Tem Farmácia Popular”. Em 2011, passou a ofertar gratuitamente medicamentos para o tratamento de hipertensão, diabetes e asma, com o “Saúde Não Tem Preço” e demais tratamentos com até 90% de desconto. Em 2016, possuía quase 35 mil farmácias credenciadas atendendo mais de 22 milhões de brasileiros.

*Estagiária sob a supervisão de Odaíl Figueiredo

Ricardo Stuckert/PR



Lula e Nísia Lima, no Recife: assistência a indígenas e a mulheres